



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
PORTONACIONAL CURSO DE HISTÓRIA

ANA CAROLINA CARVALHO MÜLLER

**LIMA BARRETO E A DELATAÇÃO DAS MAZELAS DE CLARA DOS
ANJOS (1948)**

Porto Nacional/TO

2022

ANA CAROLINA CARVALHO MÜLLER

**“LIMA BARRETO E A DELATAÇÃO DAS MAZELAS DE CLARA
DOS ANJOS (1948)”**

Artigo avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Licenciatura em História, para obtenção do título de licenciado em História, e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho

Porto Nacional/TO

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal
do Tocantins**

A532L Carvalho Müller, Ana Carolina.
Lima Barreto e a delatação das mazelas de Clara dos Anjos
(1948). / Ana Carolina Carvalho Müller. – Porto Nacional, TO,
2022.

24 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História,
2022.

Orientador: George Leonardo Seabra Coelho

1. História. 2. Literatura. 3. Lima Barreto. 4. Clara dos
Anjos. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou
parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é
autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor
(Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código
Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

RESUMO

Esse artigo busca discutir o uso da Literatura como fonte para a pesquisa histórica. Tomando como fonte a obra Clara dos Anjos (1948) do autor Lima Barreto, vamos analisar a representação feminina desenvolvidas na fonte escolhida. O presente artigo é dividido em três partes, sendo que no primeiro capítulo analisamos a vida de Lima Barreto, com o objetivo de contextualizar esse romance, pois suas obras foram excepcionalmente influenciadas pelo curso de sua vida. No segundo item, foi feita uma discussão teórica sobre o gênero literário e as possibilidades para aproximação da realidade histórica para a pesquisa. E por fim, vamos analisar a obra citada acima, focando na representação feminina construída pelo autor, principalmente sobre todas as mazelas sofridas pelas mulheres de classe baixa que Lima Barreto consegue evidenciar.

Palavras-chaves: Literatura. História. Clara dos Anjos. Lima Barreto.

ABSTRACT

The purpose of this article is a discussion of the use of literature as a source for historical research. Using the book *Clara dos Anjos* (1948) by Lima Barreto as a source, we will analyze the representation of women developed in the selected material. This article is divided into three parts: in the first chapter, we analyze Lima Barreto's life in order to contextualize this novel, since his works were exceptionally influenced by the course of his life. The second part is a theoretical discussion of the literary genre and the possibilities of approximation to historical reality for the purposes of research. And finally, we will analyze the above-mentioned work, focusing on the representation of women constructed by the author, especially on all the injustice suffered by lower-class women that Lima Barreto is able to highlight.

Keywords: Literature, History, *Clara dos Anjos*. Lima Barreto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAMINHOS PARA A PESQUISA COM FONTE LITERÁRIA.....	10
3 ANÁLISE DA OBRA CLARA DOS ANJOS: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO... 	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O autor – uma breve biografia

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881. De descendência humilde, era neto de Geraldina Leocádia da Conceição, uma escrava alforriada. Filho de Amália Augusta Barreto – “mulata” para utilizar os próprios termos de Lima Barreto – foi professora e diretora de um pequeno colégio para meninas no Bairro das Laranjeiras e o ensinou a ler. Sua mãe faleceu vítima de tuberculose em 1887. Seu pai João Henriques de Lima Barreto também era “mulato” e nascido liberto, foi administrador da Colônia de Alienados na Ilha do Governador. João Henriques era apadrinhado do Visconde de Ouro Preto, um nome influente na Monarquia e, dessa forma, Lima Barreto teve a oportunidade de receber a instrução primária em uma escola que era frequentada por classes mais altas.

Quando “acabava-se de proclamar a República” (BARRETO, 1922), João Henriques perdeu seu emprego e mudou-se com a família para a ilha de governador, onde seria administrador da colônia de alienados. Além dos fatos que marcaram sua infância como a abolição da escravatura, o fim do império e a revolta armada, Lima descreveu – a crônica “O Estrela” publicada em 1921 – que seu pai havia ficado muito abalado após o ocorrido na Revolta Armada. Depois desse episódio João Henriques apresentava sinais de demência e a partir de 1912, Lima Barreto torna-se arrimo da família.

Após os estudos iniciais, Lima Barreto teve uma infância peculiar, pois dividia seu tempo entre a Colônia de Alienados na ilha de Governador e a escola na capital. Presenciou o desequilíbrio emocional e psicológico do pai, e mesmo que criticasse o exercício de alguns cargos públicos em algumas de suas obras, ele ocupava um cargo de amanuense da Secretaria de Guerra. Também atuou como jornalista no *Correio da Manhã*, um dos mais importantes diários na época; em 1907 abriu a revista *Floreal*, onde publicou os primeiros capítulos da obra “Recordações do escrivão Isaías Caminha”. Talvez por escapismo, Lima tinha problemas com o alcoolismo e chegou a ser internado duas vezes num manicômio. Em 1922 veio a falecer, aos 42 anos de idade. Sua morte pode parecer prematura, entretanto, na época, era comum morrer ao passar dessa faixa etária entre os pobres e suburbanos.

É importante compreender que a personalidade do Lima Barreto pode ser entendida a partir de algumas considerações sobre a trajetória de seus pais, pois eles foram na contramão dos estigmas comuns de uma sociedade que ainda se preparava para “a abolição definitiva do

cativoiro” (SCHWARCZ, 2017, p. 64). De acordo com Engel (2009), Freire (2005) e Schwarcz (2017) Lima Barreto havia nascido em um Brasil escravocrata – autorizado pela lei e naturalizado pelas elites – em que ocorria grandes transformações que culminaram na República. Com base nesta premissa, podemos considerar que o autor explorou esses contextos em seus contos, romances, crônicas e diários. De modo geral, estes textos representam a vida cotidiana dos subúrbios do Rio de Janeiro, as relações interpessoais, as injustiças sociais e, principalmente, o racismo. Entretanto, por não ter medo de demonstrar sua posição crítica diante das arbitrariedades da virada do século XIX no Brasil, foi posto à margem das editoras, do público leitor e da Academia Brasileira de Letras (ABL), por mais que o mesmo tenha tentado uma vaga na cadeira em duas ocasiões diferentes.

De acordo com Moura (2010), o autor toma para si valores autênticos e realistas que não cediam a superficialidade da produção literária da época. A autora considera que:

Por essa visão tão crítica da realidade e dos problemas da nação, o autor pagaria um preço bastante alto, pois que lugar poderia ter um escritor mulato que ousava apontar, através de sua obra, os defeitos da sociedade de forma tão veemente? Colocar o dedo nas feridas que todo tempo tentava-se ocultar certamente não era bem visto. Dar voz às figuras marginalizadas que eram constantemente silenciadas implicavam entrar em choque com a ordem vigente. Mas, infelizmente, ele não se curvou diante dos modelos de sua época e legou-nos uma obra totalmente coerente com o que acreditou ser o papel da literatura (MOURA, 2010, p. 18).

Para Schwarcz (2017), Lima Barreto continuava em seu projeto de escrever uma “literatura militante” (para ficarmos com os termos dele), isto é, uma literatura que falava das dificuldades pelas quais passava a população negra, e que fazia da narrativa uma arma, também, de ativismo e de denúncia. Mas esse era sempre um projeto atravessado pela experiência pessoal. Tanto que no dia 24 de janeiro de 1908, o escritor que assistiu à partida da esquadra norte-americana de passagem pelo Rio, anota em seu *Diário*: “Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. [...] É triste não ser branco” (SCHWARCZ, 2017, p. 778)

Para Gutemberg Medeiros (2009), é excepcional a contribuição que o escritor deixou para a literatura e o jornalismo brasileiro, pois Lima Barreto não falava sobre a zona de exclusão, ele falava a partir dela. Medeiros (2009) também pontua que o escritor carioca

Escrevia de lá e publicava em jornais e revistas cariocas, diagnosticando e escrevendo, nos seus mais diversos âmbitos, a questão da exclusão social brasileira, especialmente a questão do racismo estrutural, o que é uma contribuição muito importante e atual. (GUTEMBERG, 2009)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Schwarcz (2017) entende que Lima Barreto também é extremamente atual e, que apesar de ter sido silenciado tanto tempo, sua narrativa permanece nos dilemas contemporâneos, pois a desigualdade nas relações de gênero, a desigualdade social, o racismo e o clientelismo na política ainda estão, de certo modo, enraizados na nossa sociedade. Lopes (2008) descreve que as obras de Lima Barreto

tratava-se de ficção habilmente misturada à realidade e de realidades vistas a partir do enquadramento do escritor. Seu estilo lembra o memorialismo de Machado, combinado com a crítica de costumes de Eça de Queiroz e de Balzac. Sua estética era de um refinamento ímpar, visando capturar seus leitores. A leitura dos seus textos continua provocando uma sensação prazerosa e de pertencimento à trama construída. (LOPES, 2008)

Lima Barreto foi considerado um mestre da sátira e ironia através de um olhar sensível sobre a complexidade e a multiplicidade da cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. A sua posição crítica se revela em diversas obras, sendo as principais *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909); *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e a ninfa* (1915); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); *Os Bruzundungas* (1923); e *Clara dos Anjos* (1948). Para os limites deste artigo, faremos a análise da obra *Clara dos Anjos* (1948), que foi o último livro escrito pelo autor, sendo concluído em 1922, mas publicado apenas em 1948. Esse romance póstumo é ambientado no subúrbio carioca, onde conta a história de uma jovem sonhadora, “mulata” e que termina grávida de um homem branco e mais velho que a abandona. Durante a leitura é possível perceber as “questões da realidade nacional pouco visitadas” (FREIRE, 2005, p. 22) nas obras literárias da virada do século XIX, como o preconceito racial, a obrigação social do casamento para as mulheres, e o comportamento feminino.

De acordo com Neves (1995), apesar de ser entendida como obra de ficção, o livro *Clara dos Anjos* não pode ser distanciado das determinações da lógica social do contexto de sua escrita. É sobre essa determinada lógica social que a obra *Clara dos Anjos* (1948) denuncia algumas especificidades determinadas pela sociedade hierárquica às mulheres: o casamento como obrigação e oportunidade de emancipação social, o papel da mulher na sociedade, os abusos sofridos no decorrer da vida, e a ausência de autonomia de algumas mulheres. Para Magali Engel (2009), a obra em tela revela a complexidade e multiplicidade das práticas de dominação masculina. A partir da perspectiva da autora, nosso objetivo é destacar as heranças dessa sociedade escravista/machista/racista, para que possamos compreender o aviltamento feminino, o caráter projetivo da personalidade e comportamento da mulher no espaço que lhe é concedido, a desigualdade social e o racismo. Nosso objetivo foi realizar, também, um levantamento bibliográfico sobre o autor para traçar seu perfil literário e descrever as representações da mulher em *Clara dos Anjos* (1948).

2 CAMINHOS PARA A PESQUISA COM FONTE LITERÁRIA

Como dito, nosso foco foi analisar as representações das mulheres feitas pelo escritor Lima Barreto na obra *Clara dos Anjos* (1948). É fundamental que este estudo seja realizado para compreendermos, através da literatura pré-modernista, as relações sociais no Brasil que acabara de abolir a escravidão. Este estudo muito contribui para a pesquisa histórica interdisciplinar usando a literatura como fonte documental.

No que se refere a contribuição desta pesquisa no campo de História e Literatura, ela servirá como mais uma pesquisa que descreve a postura de escrita de Lima compreendendo seu contexto social na virada do século XIX, e analisa as posições de denúncia às opressões nas relações de gênero em *Clara dos Anjos* (1948). Será analisado as razões que motivaram a identidade de resistência e crítica nessa obra para que seja gerada uma reflexão a respeito das mazelas vividas principalmente pelas mulheres pobres no subúrbio do Rio de Janeiro no começo do século XX.

Seguindo a perspectiva de Cabral (2020), atualmente percebemos que o ensino de História na educação básica pode ser maçante, e por isso, muitos professores buscam meios interdisciplinares e alternativos para tornar o processo de aprendizagem mais interessante. Então, a partir da ampliação da noção de fonte histórica, a Literatura muitas vezes possibilita ao leitor construir sua percepção sobre o período ou acontecimento do qual ele está lendo. Dessa forma, é indispensável destacar que o caminho crítico de Lima Barreto também pode contribuir para o ensino de História através da Literatura.

Lima Barreto usava da ficção para narrar alguns fatos do qual ele mesmo vivenciou ou percebeu que estava ocorrendo na sociedade. Por isso, “De acordo com Magali Gouvêia Engel, as crônicas barreteanas podem ser classificadas de acordo com os seguintes eixos: a) Cidade; b) Política; c) Identidade/Nação; d) Trabalho; e, e) Gêneros. Essa classificação é de grande ajuda para o professor que deseja trabalhar as crônicas barreteanas, abrindo um universo de possibilidades para o professor trabalhar a realidade do Brasil durante os anos iniciais da Primeira República” (CABRAL apud ENGEL, 2020, p. 54).

De acordo com Lucien Febvre (1942), a pesquisa histórica deve tanger a pluralidade de textos que possibilitem o entendimento de determinadas experiências no tempo. Para Febvre, esses textos são “documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamentos e de ação em potência” (FEBVRE apud FERREIRA, 2008, p. 64). Portanto, a literatura enquanto fonte histórica é carregada de significados e devemos refletir como utilizá-

la. Antonio Celso Ferreira estabelece que “para se interpretar o texto literário é imprescindível compreender o que particulariza tal modalidade de expressão escrita” (2009, p. 65).

Segundo o escritor Mario Vargas Llosa (2006), a literatura é um universo imaginário, sinônimo de ficção. É tarefa do historiador ser solícito em sua análise dos movimentos literários e as vanguardas, uma vez que, mesmo que uma obra seja considerada ficção, ela não se distancia das “condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais” (FERREIRA, 2012, p. 67). As fontes literárias podem ser um campo rico para as pesquisas de ciências humanas, a partir de 1980 no Brasil elas tem se mostrado um material propício para acessar experiências individuais e coletivas em determinado período, e dessa forma o historiador pode “se aproximar de múltiplos significados da realidade histórica” (FERREIRA, 2012, p. 77).

O conjunto documental utilizado demonstrará como a produção do romance *Clara dos Anjos* (1948) e seus usos literários e estéticos podem traduzir um processo de apropriação da representação da mulher na construção de estereótipos na sociedade carioca do início do século XX. Utilizaremos as noções de campo e *habitus* definidas por Pierre Bourdieu, assim como, as noções de apropriação e representação ditadas por Roger Chartier. Neste estudo apresentamos como o discurso de Lima Barreto apropriou-se das representações femininas, as quais construíram estereótipos da mulher.

Como coloca Pierre Bourdieu (2008), a construção do significado do discurso deve ser compreendida pela forma como a comunidade literária confere sentido e valor simbólico. Nesta forma, um discurso em contato com a comunidade literária desperta experiências diferentes por meio das relações sociais e da diversidade de instrumentos de apropriação simbólica. Por essa razão, Bourdieu alerta que o investigador deve estar atento à estrutura do espaço social no qual esses discursos são produzidos e à estrutura da constituição do campo. De acordo com essa concepção, a forma e o conteúdo do discurso dependem da relação entre um *habitus* e um campo definido. Segundo Pierre Bourdieu (2012), a noção de *habitus* é importante para lembrar que os agentes têm uma história individual e coletiva e, por isso, trata-se de um sistema aberto às disposições oferecidas pelas experiências.

Nesse sentido, as classificações e as estratégias coletivas, como as reivindicações regionalistas, são meios pelos quais os agentes procuram utilizar os bens simbólicos a serviço de seus interesses materiais. Esse autor afirma que se deve dar atenção às condições de produção, às diferentes relações entre a obra e seu criador, entre a obra e sua época e entre as diferentes obras da mesma época. Tal proposta parte do “consumo” cultural ou intelectual como “outra produção”, que é um espaço aberto às literaturas múltiplas. A partir da noção de “outra produção”, Chartier constrói as bases para a noção de apropriação como compreensão dos usos e das interpretações dos textos, ou seja, os entendimentos das formas como eles foram

apreendidos e manipulados. Nessa perspectiva, a significação dos textos depende das capacidades, dos códigos e das convenções de leitura das diferentes comunidades e diferentes públicos e, também, das “variações entre a significação, a interpretação e as apropriações plurais que sempre inventam, deslocam, subvertem” (CHARTIER, 2002, p. 259).

Segundo Celso Ferreira (2009, p. 61), em razão de a sua “riqueza de significados para o entendimento do universo cultural”, os textos literários podem ser vistos como materiais propícios a múltiplas leituras. Por essa razão, para esse autor, o tratamento da fonte literária na pesquisa histórica, especificamente na abordagem do romance, demanda um esforço adicional. Compartilhando dessa posição, elaboramos estratégias para estabelecer o diálogo entre textos e o mundo circundante, ou seja, propomos o diálogo entre a leitura da obra *Clara dos Anjos* (1948) e as representações femininas contidas nessa obra. Essa proposta demonstra que a escrita do romance interagiu com várias dimensões culturais, uma vez que partimos da noção “de circularidade cultural, ou seja, de que há um intenso intercâmbio de ideias, imagens e formas de expressões” (FERREIRA, 2009, p. 82).

Seguindo o debate contemporâneo sobre a relação, apresentada por Giovanni Levi (2006), François Dosse (2009) e Alexandre de Sá Avelar (2012), entre o gênero biográfico e a pesquisa histórica, as considerações de Lilia Schwarcz (2017) serão importantes para traçar os elos que ligam a trajetória profissional de Lima Barreto e a escrita do romance *Clara dos Anjos*. Para Schwarcz (2017), “escrever sobre uma vida [dos sujeitos] implica interrogar o que os episódios de um destino pessoal têm a dizer sobre o mundo e as coisas públicas”. Segundo a autora, esse procedimento lança “um fecho de luz sobre o sentimento do tempo e o modo como esse sentimento foi vivido, estabelecendo conexões entre eventos e nossa personagem” (SCHWARCZ, 2017, p. 491-492).

March Bloch (2001), defende que o historiador deve ser disciplinar, de forma que seja capaz de dialogar com diversas fontes históricas e diferentes áreas de conhecimento, portanto, contribuindo para a construção do conhecimento das múltiplas experiências no tempo. Nessa perspectiva, literatura e história dialogam satisfatoriamente, visto que a literatura proporciona a pesquisa histórica acesso a temas e problemáticas que contribuem para a busca de respostas, ela se tornar um veículo informativo de outro ângulo da história.

Com base nesse argumento inicial, destacaremos a formação literária de Lima Barreto, de forma a construir elos com o romance *Clara dos Anjos* (1948). Para os limites deste estudo, nos aproximaremos da perspectiva da trajetória de vida como “um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa”, os quais são determinados “pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessa existência ao longo de uma vida” (Born, 2001, p. 243). Com base nesses pressupostos, vamos conhecer um pouco dos caminhos percorridos por Lima Barreto e os reflexos em sua produção literária.

No que se refere à história de vida, Pierre Bourdieu (1999) considera que se deve dar atenção à transformação no sistema de produção de bens simbólicos e na própria estrutura desses bens. Segundo o sociólogo, as transformações são correlatas à constituição de um campo intelectual e artístico, ao sistema de produção, à circulação de bens simbólicos e ao seu consumo. Assim, o funcionamento de um *habitus* não depende apenas da natureza do lugar em que ele age, pois se o campo é outro, o mesmo *habitus* produz efeitos diferentes (BOURDIEU, 2012).

3 ANÁLISE DA OBRA CLARA DOS ANJOS: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO

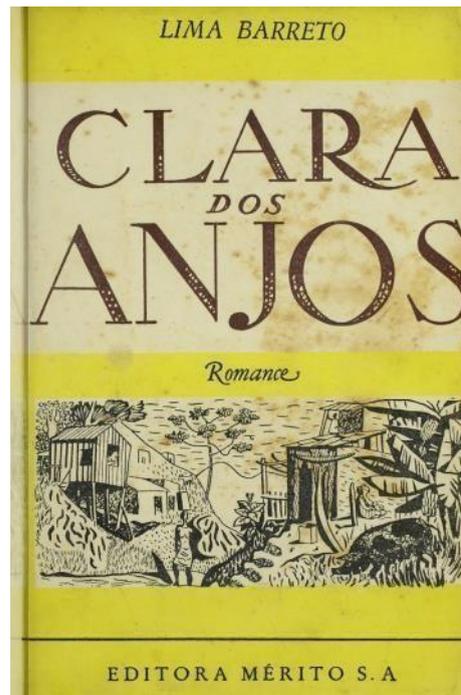
Segundo Celso Ferreira (2009, p. 61), em razão de a sua “riqueza de significados para o entendimento do universo cultural”, os textos literários podem ser vistos como materiais propícios a múltiplas leituras. Por essa razão, para esse autor, o tratamento da fonte literária na pesquisa histórica, especificamente na abordagem do romance, demanda um esforço adicional. Compartilhando dessa posição, elaboramos estratégias para estabelecer o diálogo entre textos e o mundo circundante, ou seja, propomos o diálogo entre a leitura da obra *Clara dos Anjos* (1948) e as representações femininas contidas nessa obra. Essa proposta demonstra que a escrita do romance interagiu com várias dimensões culturais, uma vez que partimos da noção “de circularidade cultural, ou seja, de que há um intenso intercâmbio de ideias, imagens e formas de expressões” (FERREIRA, 2009, p. 82).

No que se refere a história do processo de escrita da obra *Clara dos Anjos*, é considerável ressaltar que a mesma foi publicada pela primeira vez em formato de conto, entre os anos de 1921 a 1922. Lilia Schwarcz (2017) compreende que Lima Barreto costumava publicar suas histórias como conto, para depois avaliar se renderia um livro. Esses manuscritos foram revisados diversas vezes pelo autor, com o qual até sofreu mudanças o destino da principal personagem Clara. Em 1948 o romance foi publicado no formato de livro pela Editora Mérito S. A., 26 anos após a morte do autor. Essa primeira edição foi escolhida como principal documento para compreender a maneira pela qual Lima Barreto reproduz seu mundo social e constrói a imagem da mulher na sua literatura. De acordo com Valter Battistin, é:

Necessária a contextualização da obra literária, interpretando-a à luz do contexto econômico, político, social, cultural do qual faz parte. Trata-se de compreender o texto literário também como uma construção permeada pelas condições históricas que lhe deram origem, procurando enxergar nessa construção possíveis representações do passado, tal como fazemos com os documentos (BATTISTIN, 2008, p. 16).

Antes de comentar sobre a leitura, vale observar a estrutura do livro em geral. A arte da capa contém um desenho em preto e branco representando uma paisagem suburbana, com casas altas e pessoas perambulando. Na contracapa encontramos comentários sobre a obra feitos por figuras importantes no campo da literatura, como de Lúcia Miguel Pereira, uma influente crítica literária da época; Oliveira Lima, membro fundador da ABL, diplomata, historiador e jornalista; e Caio Prado Junior, famoso escritor e historiador, que afirma que Lima é o maior romancista brasileiro. E Jorge Amado, ressalta que Lima era o escritor do povo.

FIGURA 1 – Capa livro Clara dos Anjos (1948)



Fonte – BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 1948. 1ª edição.

Composta por dez capítulos que discorrem de maneira cronológica a história, a trama do romance é ambientada no subúrbio carioca de Todos os Santos no início do século XX, e retrata o drama de uma jovem mulata chamada Clara dos Anjos, que se torna algoz de um modinheiro, branco, chamado Cassi Jones, que no final abandona a jovem. Nesse romance, Lima Barreto expressa e denuncia questões da realidade social pouco assistidas na época: o preconceito racial, a situação de extrema inferioridade social e o destino inelutável das moças pobres e mulatas. Aqui, “o escritor elabora uma descrição fina de marcações de classe, região, cor, gênero e origem.” (SCHWARCZ, 2017, p. 413)

No primeiro capítulo é apresentada a família de Clara dos Anjos e os outros personagens que frequentam a sua casa. Destacaremos seu pai, Joaquim dos Anjos, é um carteiro, “era pardo claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso” (BARRETO, 1948, p. 68). A esposa D. Engrácia, era muito religiosa, embora fosse pouco à igreja por conta das tarefas domésticas. Engrácia era filha de uma escrava babá de família, mas ainda sim “recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou — como em geral acontece com as nossas moças — tratou de esquecer o que tinha estudado” (BARRETO, 1948, p. 84). Dessa forma, percebe-se que além de moradora do subúrbio, a jovem moça era afrodescendente. Clara dos Anjos era “tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho” (BARRETO, 1948, p. 34). Ela teve uma criação bastante cuidadosa, quase não tinha amigas e raramente podia sair de casa, dessa maneira cresceu ingênua, sem orientação e exemplos, sem conhecer o mundo de fora do seu lar. Esses traços na sua personalidade, para o autor, a colocam numa posição de vulnerabilidade. “O carteiro e simpatizante de modinhas e a dona de casa Engrácia instruíram a filha Clara dentro da visão daquilo que consideravam digno

para embasar os predicativos de uma moça honrada.” (GAMA, 2015, p.64). Conforme esses predicativos, Lima direciona sua crítica à legitimidade de repressões por meio de padrões normatizadores de recatos femininos, ao modelo de comportamento imposto às mulheres pela sociedade.

Conforme o desenvolvimento da leitura e a apresentação de outras personagens femininas, será retomada e mais explorada as “revoltas barretianas” (FREIRE, 2005, p. 33) contidas na obra. Agora, voltamos o olhar para o personagem Cassi Jones, responsável pelas mazelas pautadas na trama:

Cassi Jones de Azevedo, “branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não tinha as tais melenas denunciadoras, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente com um apuro muito suburbano, sob a tesoura de alfaiate de quarta ordem [...]. Acompanhava-o o violão.” (BARRETO, 1948, p. 41). O trovador morava próximo à estação de Todos os Santos, área “nobre” do subúrbio. Lima Barreto descreve os pais de Cassi da seguinte forma:

O pai tinha “emprego regular na prefeitura” e carregava a “imponência grotesca do bom funcionário”. Sua mulher era mais “relaxada” de modos e hábitos. Comia com a mão, andava descalça, catava intrigas e ‘novidades’ da vizinhança; mas tinha, apesar disso, uma pretensão íntima de ser grande coisa (SCHWARCZ apud BARRETO, 2017, p. 409-410).

Lima Barreto significa Dona Salustiana, mãe de Cassi, como uma pessoa com “síndrome de elite”, com ares de superioridade a sua vizinhança, porque tinha um irmão médico-capitão do exército e uma suposta descendência de um Lord Jones... Cassi foi criado por ela com a liberdade permitida ao gênero masculino. A vaidade de D. Salustiana fez com que ela sempre encobrisse os crimes e maldades cometidas por seu filho, para ela, seu filho jamais casaria com alguém de classe social menor ou afrodescendente. Vejamos:

“Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretórias; mas êle, pela bôca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na Correção” (BARRETO, 1948, p. 42).

As irmãs de Cassi, Irene e Catarina, são consideradas mais simpáticas, assim como seu pai Manoel de Azevedo, porque não tinham muita afeição por Cassi devido ao seu caráter. Lilia Schwarcz (2017) afirma que Lima Barreto demonstrava dicotomias bem delimitadas, e as irmãs de Cassi são um exemplo desse posicionamento, porque elas também jamais apoiariam a união do irmão com uma mulher negra ou mulata de classe social mais baixa. E, ironicamente, o sonho de Irene e Catarina, era se casar com alguém de classe social mais alta, e como efeito conquistar sua ascensão social. Nesse momento, o autor expressa mais uma crítica à “mania de matrimônio”.

Por sempre conseguir se livrar das consequências de seus atos, Cassi fez diversas vítimas no decorrer dos anos. Lima Barreto expressa Cassi Jones como um vilão, “o modinheiro tinha ‘estupidez congênita’, uma ‘perversidade inata’, era ‘criminoso nato’. (SCHWARCZ apud. BARRETO, 2017, p. 413). É a partir do exemplo de Cassi, um homem criado aos “moldes da dupla moral sexual dominante em vigência nas duas primeiras décadas da República” (GAMA, 2015, p 156), que o autor relata de forma mais direta a violência que as mulheres pobres estavam sujeitas. Lilia Schwarcz (2017) confirma que:

Lima despejava todos os seus ressentimentos contra essa classe média [...] criticava com frequência a atitude dos “rapazes brancos” que usavam de sua posição para corromper moças jovens e pobres; em geral “negras ou mulatas” (SCHWARCZ, 2017, p. 414).

Então, percebemos a dualidade do autor, pois para ele, os malandros eram os brancos de classe média baixa. Muitos pressupostos daquele período entendiam os “mulatos” como degenerados e que não gostavam de trabalhar como seus ancestrais escravizados. Nessa obra, o autor constrói uma perspectiva diferente, onde descreve o cotidiano no subúrbio e mostra que os mulatos eram a maioria da população – realidade que a sociedade constantemente “maquiava” – trabalhavam, tinham casa e, mesmo com dificuldades, tiravam algum sustento para a família. Joaquim dos Anjos, por exemplo, era mulato, funcionário público e arrimo da sua família. Diferente de Cassi, que nunca permaneceu num emprego e planejou o assassinato do personagem Marramaque, padrinho de Clara dos Anjos, que sabia do mal caráter que tinha o branco modinheiro e provavelmente impediria a aproximação dele com sua afilhada. Por isso, Lima Barreto faz questão de apresentar seus personagens com descrições minuciosas da cor da pele e suas vestimentas, com o propósito de chocar o leitor e evidenciar o preconceito racial, denunciando o discurso violento de “inferioridade biológica” contra os “pretos, pardos, mulatos e mulatas”.

Voltamos a atenção para a personagem Inês, a primeira vítima de Cassi na trama. Foi copeira e criada da casa de Dona Salustiana e sofreu abuso do Cassi – no texto o autor cita esses acontecimentos como defloração – no que resultou numa gravidez. Cassi foi denunciado por isso, mas sua mãe desacreditou e reforçava que seu filho jamais casaria com “uma criada preta” (BARRETO, 1948, p. 42). A partir daí, Inês tem o seu destino inelutável, de uma mulher jovem negra, traçado como o de tantas outras moças da sua origem. A personagem segue seu caminho desamparada e torna a reaparecer no último capítulo, quando Cassi – depois de ter abandonado Clara – está andando por uma rua na capital e Inês o reconhece. A vítima fala para todos ouvirem tudo o que ele havia feito e responsabiliza-o por ela se encontrar naquela situação – com um filho menor de 10 anos na casa de detenção e ela refém da prostituição - a partir disso “Lima dá o seu recado” (SCHWARCZ, 2017, p. 414), o autor denuncia a reificação da mulher, os privilégios masculinos de nunca se responsabilizar pelas consequências de seus atos, e até o

abandono parental, visto que Cassi jamais reconheceu a paternidade de nenhuma mulher que ele ludibriou.

Outra figura importante nessa obra é a Dona Margarida Pestana, uma mulher severa e honesta, viúva que garantia sozinha o sustento familiar com seu próprio trabalho. Aspectos admiráveis. Era vizinha e amiga da família de Clara e muito orientou Joaquim dos Anjos sobre o “descaminhamento” que Cassi Jones causava às donzelas. Foi ela a primeira pessoa para quem Clara buscou ajuda quando percebeu que estaria grávida de Cassi. Essa personagem é apreendida por Lima como uma possibilidade de ruptura com as imposições sociais feitas às mulheres em sua época. Gama (2015) alcança esses aspectos e de acordo com a autora, a personagem Dona Margarida é:

uma mulher que, em alguma medida foge aos padrões, ao se libertar da imposição de um novo casamento, ao viver sozinha e sem a dependência econômica de um homem. Por outro lado, conforme é possível se apreender no excerto citado acima, ela dificilmente pôde se emancipar dos estigmas construídos pelo imaginário da moralidade sexual conservadora que pressupunham como condição ao respeito feminino, que as mulheres fossem “assexuadas”, não bastando apenas serem “boas trabalhadoras”, como no caso dela. [...] na construção dela, há muito da moral vigente nas duas primeiras décadas da República, todavia, através da personagem o escritor não deixa de denunciar a situação de dependência da mulher ao homem. (GAMA, 2015, p. 147)

Há muitos atributos possíveis de serem apreendidos a partir da trajetória de vida de Dona Margarida, por mais que seu perfil se diferenciasse das outras mulheres da trama por ela conseguir garantir o sustento da família, os ofícios que ela realizava eram uma extensão da sua própria vida doméstica. De acordo com Gama (2015), esse trabalho remunerado era bastante comum para as mulheres brasileiras desprovidas de privilégios econômicos nos primeiros tempos republicanos. Ainda na perspectiva de Gama (2015), é essencial compreender que:

Além dos aspectos apontados antes, como fatores que, de algum modo, a deslocam das características de docilidade e passividade prescritas no modelo de feminilidade imposta às mulheres naquele momento histórico da escrita do romance, as atividades profissionais realizadas por ela, mesmo sem a dedução de sua incessante rotina doméstica, são elementos com os quais Lima Barreto concebe-a como protagonista da própria existência e situa-a fora dos padrões das expectativas da moralidade oficial, desse modo, o escritor, [...] soube captar em seu tempo, a incoerência entre os preceitos idealizados e a realidade concreta das muitas mulheres de condição humilde. (GAMA, 2015, p. 153)

Voltando o olhar para a jovem Clara novamente, de acordo com Gileno (2001), a obra é uma denúncia ao status marginal determinado pela sociedade às mulheres humildes. O destino da jovem não é de caráter individual, visto que a sociedade brasileira do começo do século veiculava estereótipos veemente enraizados, supostamente forjando o futuro de jovens afrodescendentes aos estigmas da prostituição. Para o autor, no “final do romance, ela sofrerá um impacto ao ver a sua pungente realidade de mulher mulata, grávida e solteira rejeitada

preconceituosamente pela mãe de Cassi, D. Salustiana” (GILENO, 2001, p. 141). Lilia Schwarcz (2017), afirma que para Lima a personagem Clara era uma forma de denúncia mais direta da obrigação social do casamento para as mulheres, a violência praticada contra as mulheres pobres, e o preconceito racial.

Apesar da “ingenuidade” de Clara dos Anjos, Lima Barreto não a culpa. O que ele busca é denunciar o modelo de instrução feminina vigente. De acordo com Maria Sandra da Gama (2015), a educação destinada às moças estava dentro da regra socialmente imposta, que destacavam a mulher empenhada nas atividades “naturalmente” destinadas a ela, esse modelo não incentivava sua capacidade intelectual e autonomia. Nada havia de “livre” nessa educação. Clara dos Anjos cresceu fantasiando as relações amorosas de acordo com as modinhas que ouvia, dessa forma o vilão de Lima Barreto a manipulou e ludibriou com o oportuno discurso que jamais se podia “contrariar dois corações que se amam com sincera paixão” (BARRETO, 1948, p. 98). Cassi Jones se “dedicou” durante meses a trocar cartas com a jovem e convenceu-a com promessas de começar a trabalhar e se casar com a mesma. No desenvolver da trama, Clara dos Anjos cedeu às insistências de Cassi.

O autor descreve que o rapaz “fugira e ela ficara com o filho a gerar-se no ventre, para a sua vergonha e para a tortura de seus pais” (BARRETO, 1948, p.198). A partir dessa “tragédia”, Lima faz a sua denúncia mais uma vez e condena o inevitável destino de jovens mulheres pobres. Na final da obra o futuro da jovem fica incerto, mas pensando no que ocorre de costume com inúmeras mulheres brasileiras, é que Clara dos Anjos criará o filho sozinha, terá que trabalhar, mas não chegará nem perto de elevar sua condição social. A literatura de Lima Barreto trata de temas comuns à sociedade, mas que eram mascarados com o otimismo que banhava o país no início do século XX. A verdade que permanece é que essas declarações se repetem, talvez por isso Lilia Schwarcz faz referência ao autor negro como um triste visionário; suas queixas contrariavam as “qualidades” da sociedade na sua época, entretanto, seus presságios – o racismo, o abismo entre as classes sociais, o privilégio masculino – ainda ocorrem na sociedade do século XXI.

Como citado anteriormente, Dona Margarida é a primeira pessoa para qual a jovem pede ajuda. Clara tinha a intenção de tentar fazer um aborto, na obra Lima descreve a situação da seguinte forma: “o seu pensamento se encaminhou para o “remédio” que devia “desmanchá-lo”, antes que lhe descobrissem a falta. ” (BARRETO, 1948, p. 193). A jovem estava desesperada por perceber tamanha desgosto e que já havia sido abandonada. A amiga da família achou melhor contar à mãe da jovem, e ao narrar o que havia acontecido com Clara, a sua mãe “não se pôde conter. Logo compreendeu a gravidade do fato, pôs-se a chorar copiosamente, a lastimar-se, a soluçar...” (BARRETO, 1948, p. 193). D. Margarida sugeriu que seria melhor comunicar o fato à família de Cassi antes de tomar qualquer atitude.

Nesse momento, Lima Barreto faz “uma denúncia poderosa diante das continuidades que não se encerram com a lei que aboliu a escravidão.” (SCHWARCZ, 2017, p. 415). Quando D. Engrácia e D. Margarida chegaram na casa da família de Cassi acompanhando a jovem mulata:

Ambas estavam bem vestidas e nada denunciava o que as trazia ali. Só Clara tinha os olhos vermelhos de chorar, mas passava despercebido. Chegou D. Salustiana e cumprimentou-as com grandes mostras de si mesma. D. Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico :

— Que é que a senhora quer que eu faça? (BARRETO, 1948, p. 197)

Nesse momento o diálogo vedado é doloroso e constrangedor. D. Salustiana, como esperado, defendeu seu filho que não havia feito nada à força contra a jovem, e mesmo assim ele jamais se casaria com “gente daquela laia”. A partir da humilhação e descriminação que sofrera é que Clara dos Anjos compreende a sua posição no mundo:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fôra preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. [...] A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres. Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fôsse indiferente à sua desgraça. Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! [] (BARRETO, 1948, p. 200)

A leitura desse romance por muitas vezes não é fácil, justamente pela forma como Lima Barreto escreve a trama. O seu objetivo é realmente causar incomodo, delatar as mazelas vividas por diversas jovens afrodescendentes descrevendo a realidade de tudo o que a sociedade normalizava ou não queria assistir. *Clara*, que não tinha a pele clara e era afrodescendente; *Dos Anjos*, mas que não foi devidamente protegida pela providencia divina, terminou sem nenhuma compensação na vida. Na época em que esta obra foi escrita foi mal recebida pelo conservadorismo, mas jamais será anulado o fato de que essa história trata de questões muito enfáticas e contemporâneas. Os tempos são de otimismo, mas ainda existem muitas Clara dos Anjos pelo país afora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que Lima Barreto foi um cidadão engajado ao que acontecia com a sociedade na sua época, e a partir de suas produções ficcionais e jornalísticas conseguiu fazer um retrato do Brasil que era apagado pelas elites e pelo conservadorismo. A partir das suas posições discursivas, Lima Barreto se mostrou um autor excepcionalmente politizado que com seu olhar revelou questões enfáticas como as relações de poder e gênero, as sequelas do último país a abolir a escravidão, o racismo, as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro, e a transição do Império para a Primeira República.

Nessa perspectiva, literatura e história dialogam satisfatoriamente. Visto que a literatura proporciona uma expansão na pesquisa histórica possibilitando acesso a temas e problemáticas que contribuem para a busca de respostas; nessa perspectiva a literatura se torna um veículo informativo de outro ângulo da história.

Compreendemos que Lima Barreto cumpre um papel de delatar questões despercebidas e ignoradas pela sociedade que se encontrava otimista com o início da primeira República, mas que ainda carregava continuidades de uma sociedade escravagista. Na obra de Clara dos Anjos (1948) ele revela a profundidade dessas questões, sendo elas: o racismo, relações de poder e gênero, transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro e a primeira República.

Nesse artigo destacamos a representação da mulher na obra intitulada Clara dos Anjos. Foi possível identificar as mazelas vividas pelas mulheres a partir de diversos perfis que o autor nos apresenta: mulheres de classe baixa, principalmente as afrodescendentes, que sofriam com o racismo e imposições sobre seu comportamento e deveres na sociedade; mulheres que reproduziam um comportamento machista e racista de forma inconsciente. E ao mesmo tempo, fugindo dessa padronização, Lima Barreto também apresenta mulheres trabalhadoras que garantiam o próprio sustento; donas de casa e mães de família, e mulheres ambiciosas.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz. 2012. p. 15-38.
- BARRETO, Lima. *A sombra de Romariz*. Careta, Rio, 1922.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 1ª edição, Editora Mérito S. A., 1948.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução: TELLES, André. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologia*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 240-265, jan./jun. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia as Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer*. 2ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 189
- BOURDIEU, Pierre. *O sociólogo e o historiador*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2012. p. 134
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia. A História entre Certezas e Inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 277
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História I*. Lisboa, Editorial Presença, s. d. p. 31.
- FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura: a fonte fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto 2009. p. 61 a 91.
- FREIRE, Zélia Nolasco. *Lima Barreto: Imagem e Linguagem*. São Paulo. Annablume. 2005.
- GAMA, Maria Sandra da. *Entre Mulheres e fronteiras, um escrito: lugares do feminino na obra de Lima Barreto (1902-1922)*. Natal-RN, 2015.
- GILENO, Carlos Henrique. *Clara dos Anjos: Uma reflexão sobre o status da mulata no Brasil do início do século XX*. In: *Ci. & Tróp.*, Recife, v. 29, jan./jun., 2001. P. 125-146
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. *Usos e abusos da história oral*. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LOPES, Luis Carlos. *O homem que sabia português: Lima Barreto e algumas interpretações possíveis*. *Revista Espéculo*. Universidad Complutense de Madrid, número 38, 02/2008. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero38/limabarr.html>
- MEDEIROS, Gutemberg. *Lima Barreto em 100 anos de jornalismo e literatura*. *Revista Espéculo*, Universidad Complutense de Madrid, número 43, 11/2009. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero43/limabarr.html>

MOURA, Samara Loureiro. Lima Barreto – Um mulato intelectual na Bruzundunga: Um estudo do projeto de Literatura Militante de Lima Barreto. Trabalho de conclusão apresentado no curso de Letras da UFRS. Porto Alegre, 2010. p. 18.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.